Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise



ENTRE MÃE E MULHER, QUE CRIANÇA?

GRACE LAGNADO – grace.lagnado@lapsy.com.br

Resumo: Trata-se da relação complexa entre mãe e filho quando a criança só pode corresponder ao lugar que lhe é designado, e padece de uma relação de assujeitamento ao desejo materno. A loucura materna sendo essa patologia do amor que retém o filho como dependente dela, privando-o de sua condição de sujeito, separado. Duas vinhetas clínicas ilustram arrependimento e controle obsessivo materno. O desejo materno permanece enigmático para a criança quando ela descobre que é impossível completar sua mãe por inteiro. O texto discute o que está em jogo na tríade mãe-filho-pai, sendo que a análise da criança vai possibilitar que ela tome a palavra em voz própria, deslocando-se da posição de objeto numa cena congelada, e operando permutações possíveis nos elementos que compõem suas fantasias.

Palavras-chave: Desejo materno, loucura materna, mãe, pai, criança

São Paulo

2024

Instituto Vox de Pesquisa e Formação em Psicanálise

BETWEEN MOTHER AND WOMAN, WHAT CHILD?

GRACE LAGNADO – grace.lagnado@lapsy.com.br

Abstract: It concerns the complex relationship between mother and child when the child can only conform to the role assigned to them, suffering from subjugation to the mother's desire. Maternal madness is seen as a pathology of love that keeps the child dependent, depriving them of their condition as a separate subject. Two clinical vignettes illustrate maternal regret and obsessive control. Maternal desire remains enigmatic to the child, who eventually realizes that fully completing the mother is impossible. The text discusses what is at stake in the mother-child-father triad, emphasizing how child analysis allows the child to find their own voice, shifting from the position of an object in a frozen scene to actively reconfiguring the elements of their fantasies.

Keywords: Maternal desire; maternal madness; mother; father; child

São Paulo

2024

Introdução

Maria é uma mãe solteira que entra em pânico no dia em que se perde da filha num parquinho de brinquedos. A partir dessa experiência traumática, ela decide implantar um chip no cérebro da filha, acoplado a um tablet. Pela tela, Maria assiste a tudo o que Sarah vê. O invento pode filtrar (uma forma de censura) cenas impactantes para poupá-la de emoções penosas e angustiantes. Ela não vai mais precisar se preocupar, porque o tablet tem um sistema de alarme e cada vez que o coração de Sarah acelera, ela pode saber o que está acontecendo. Sarah vai crescer num universo hiperprotegido, sem medos. Mãe e filha estão 100% conectadas, nada mais da filha pode escapar e surpreendê-las.

A versão de uma mãe onipresente que vê tudo e sabe tudo da filha rapidamente se transforma em um instrumento que debilita a criança, porque sem acesso aos conteúdos inerentes à própria existência, tais como a morte, a doença, a dor. Sem mediação alguma entre as duas, a relação evolui de forma odiosa, no formato de "Big Mother is watching you".

Essa história é um episódio do seriado "Black Mirror". É uma ficção, porém toda ficção tem alguma relação com a verdade. Parece loucura, mas em proporções diferentes, isso acontece. É da loucura materna que se trata. Qual mãe já não teria tido essa fantasia de realizar seu desejo de saber tudo de seu filho, tal como um livro aberto? Uma mãe que monitora tudo, e confunde cuidar com vigiar.

Se hoje existe desordem nas filiações, o mais preocupante é o lugar que a criança passou a ocupar nessas novas configurações. Uma criança que só pode corresponder ao lugar que lhe é designado, e padece de uma relação de assujeitamento ao desejo materno. E um pai que não se coloca como alteridade capaz de descolar a criança da loucura materna, e permanece à margem, sempre presente, mas inoperante, desacreditado, sem voz.

No seu seminário "Sobre a clínica do psicanalista" (2010), Mauro Mendes diferencia no estudo do caso das irmãs Papin a "folie à deux" da loucura materna. Na loucura materna, a mãe não é psicótica. Abdicar de sua feminilidade para se ocupar exclusivamente da criança, e passar a se contar somente através dela, isso é loucura materna. Segundo Mauro, ela padece de uma paralisia no desenvolvimento da teoria sexual infantil que a impede de reconhecer um sujeito no filho, e, por causa disso, ela vai se ocupar dele inteiramente, privando-o de sua condição de sujeito, dizendo a ele o que fazer. A loucura materna é uma patologia do amor no sentido de achar que um filho só pode estar na dependência da mãe.

Para ilustrar, duas vinhetas clínicas:

“Ana procura análise quando o pediatra de sua filha Barbie, com 3 anos de idade, suspeita dos sinais de atraso no seu desenvolvimento psíquico e motor. É uma criança agitada que ainda não fala, mal anda e chora o tempo todo.

Ana se queixa. Na gestação, engordou demais: trinta quilos. Sua vida mudou muito depois que teve a filha. Quando a viu pela primeira vez, não houve encontro entre as duas. Achou que ela era muito feinha. Escolheu dar o nome de Barbie justamente porque era o nome da primeira boneca que recebeu de seu pai. Hoje, quando fala dela, a chama de “bebê”, e raramente pelo nome. Barbie era para ser a filha tão sonhada.

Mas a filha a atrapalha. Chega a ser um peso em sua vida, pois nunca está disposta, nem disponível, culpando a filha por ocupar todo o seu espaço, não lhe restando tempo disponível para ela. Culpa-a por ter engordado e não conseguir emagrecer. Enfim, por ela não ser a filha-boneca que não lhe daria nenhum trabalho. Não quer mais ter filhos, e culpa a filha por isso também. Tem a impressão de que essa filha é um “rascunho”.

E o pai da Barbie? Ana escolheu um marido parecido com seu pai, viu nele isso. Hoje, sua filha é tudo para ele. É até demais. Ele a mima em excesso; todos os dias chega do trabalho com um presentinho; tantos brinquedos que Barbie ainda nem abriu todos.

Ela é uma mulher de carreira brilhante. Não se permite errar, nunca. É severa com os outros, exigindo muito, o que faz com que trabalhar com ela seja estressante. Vive todo o tempo frustrada, muito frustrada, e reivindica o direito de ser feliz. Exausta, após cada sessão, ela se pergunta se “isso vai passar, ou se ela vai ficar louca”.

Outra vinheta clínica:

Camila tem 7 anos. Virginia, sua mãe, é uma médica bem-sucedida. O pai é o “bom-moço pobre que não soube aproveitar a oportunidade de ter casado com a cinderela rica”. É assim que ela o desqualifica. Casou-se com ele porque queria um homem que não a abandonasse; mas o sexo não era bom, e ele era muito subordinado a ela. Bonzinho, mas incompetente como pai, ou seja, um outro filho para ela. Agora está dando alguns cortes nele para ver se ele se vira sozinho, e cresce. No final do ano passado, ela decidiu pela separação. Junto com seu pai, cuidou de todos os papéis. Desconfia do jeito que ele cuida da filha nos finais de semana em que ficam juntos. E, por isso, mantém-se o tempo todo conectada à filha por WhatsApp.

Virginia sempre quis ter uma filha. E, enfim, engravidou, após cinco abortos espontâneos. Seu pai, sendo obstetra, fez seu parto. Quando nasceu Camila, ela se sentiu plena com a experiência da amamentação. “Melhor do que um orgasmo”, faz questão de dizer. Mas com um ano de idade, Camila regurgitava e passou a vomitar todas as noites, por conta de

uma alergia alimentar. Virginia se tornou extremamente vigilante. Lê exaustivamente todos os rótulos de todos os alimentos. O pai, por ser mais relaxado, envenena a filha, segundo ela.

Camila é uma garota muito organizada e ordenada. Nada de bagunça. Vive esse imperativo de acertar, de saber tudo. Evita todo conflito de confrontação, e está o tempo todo na reparação.

Nunca conseguiu dormir sozinha, precisando da presença de um adulto ao seu lado. Deitada na cama, cobre-se até o pescoço mesmo que esteja com muito calor, porque senão tem medo de que algum ladrão venha raptá-la. E quando surge um pensamento assombroso, ela precisa pular para neutralizar seu pensamento negativo.

Camila se tornou uma garota medrosa, que não aceita convites para ir à casa das amigas. Se isso a limita, conforta muito sua mãe, que precisa estar do lado dela para ter certeza de seu bem-estar, já que só ela "sabe melhor do que todos do que a filha precisa".

A clínica com crianças testemunha dessas devastações subjetivas, que podem decorrer tanto da adoração materna exclusiva por uma criança como da negligência da mulher que trabalha, e que precisa lidar com sua decepção entre o filho da realidade e o filho imaginário. Fascínio, rejeição ou indiferença diante de uma criança. Por bem ou por mal, a criança ocupa todo o espaço, e se transforma em tirania do sofrimento.

Pois então, entre mãe e mulher, que criança? O título dessa apresentação também se inspira no colóquio "A criança entre a mulher e a mãe", organizado em Lausanne em junho de 1996 pelo Grupo de Estudo de Genebra.

Interessante a ideia que Jacques-Alain Miller defende nesse colóquio acerca do objeto criança. Cito ele:

> O objeto criança não somente preenche, como também divide. É essencial que ele divida. É fundamental que a mãe deseje outras coisas além dele. Se o objeto criança não divide, ou ele sucumbe como dejeto do par genitor, ou, então, entra com a mãe numa relação dual. (..) é preciso, ainda, que a criança não sature, para a mãe, a falta em que se apoia o seu desejo. O que isso quer dizer? Que a mãe só é suficientemente boa se não o é em demasia, se os cuidados que ela dispensa à criança não a desviam de desejar enquanto mulher. (MILLER, 1996)

E a criança não pode ser tudo para sua mãe, enfatiza J-A Miller; isso quer dizer que há uma condição de não-todo, já que o desejo da mãe deve se dirigir para um homem e ser atraído por ele.

É dessa forma que a criança começa a ser gestada. Inicia-se com a relação entre um homem e uma mulher no desejo de maternidade. Isso dá condições de um homem tornar-se

pai. Então ele se engaja como pai, e se diferencia da mulher e se posiciona como Outro. Um homem que se ocupa da mulher é um obstáculo para que a criança continue a se pensar como objeto de completude dela. Nesse sentido, ele interdita a mãe. E isso só é operante se ela consentir. O desejo da mãe tem esse poder de transmitir ou apagar a paternidade. É ela quem faz valer a condição de paternidade. Além dessa condição da relação do homem com o desejo da mulher, o homem retoma sua configuração edípica de origem na relação com a criança. Se ele não for capaz de abrir mão da mãe dele, ele não vai participar da paternidade. Ou ele afasta a mulher e só permanece do lado da criança, como mais uma criança. Ou, então, ele se afasta da mulher e não participa da relação mãe-filho.

No seminário IV de Jacques Lacan sobre relação de objeto, Lacan vai trabalhar minuciosamente toda a progressão do tratamento dado a Hans, com a ajuda do professor Freud.

Hans carece tanto de uma mãe e de um pai, os quais não podem lhe proporcionar suporte simbólico para contemplar sua angústia de castração. E sua fobia terá essa função de suplência simbólica para dar conta da angústia de ser aniquilado por uma mãe insaciável e devoradora.

A contribuição de Lacan na teoria da relação de objeto trata do enigma do desejo materno quando a criança descobre sua relação com a falta. A falta de um objeto que viria completá-la por inteiro. É um seminário que evidencia o lugar da mãe como figura central. Não é uma mãe que vai se ocupar das necessidades do filho, mas é uma mulher que vai se virar com a sua sexualidade ao buscar na criança uma resposta à falta de falo. Ou seja, o sintoma da criança precisa ser decifrado com a referência da sexualidade feminina. Então, não se trataria tanto de ser ou ter o falo, já que seria mais uma questão da feminilidade que coloca toda a dificuldade de se tornar uma mulher.

Com a conquista da mulher no mercado de trabalho, suas reivindicações por direitos iguais e igualdade nos cuidados dos filhos, a mulher ocupa cada vez mais espaços de destaque. Uma mulher que deseja ser o que quiser, como quiser, se quiser e quando quiser. Não é raro escutar suas reclamações a respeito do homem que ela idealiza, e que não encontra. A queixa frequente é de que como há mais mulheres solteiras ou separadas do que homens, a concorrência é desleal, e os homens disponíveis que prestam são raros. “Onde estão os homens que prestam?”. E, no entanto, o que definiria o homem que presta?

Quanto mais as mulheres se “virilizam” na ascensão do mercado de trabalho, mais elas anulam a relação dissimétrica necessária para haver alteridade, e mais consideram o homem como genitor sem valor, sem gravidade, e, de acordo com Mauro Mendes, mais padecem de

solidão. Um homem sem valor que quando se torna pai se apresenta de forma diferenciada, e não em termos de déficit, falta ou declínio. E essa forma diferenciada vai promover uma nova forma de exercer sua paternidade.

Na clínica com crianças, exemplos como esses não faltam, quando o sintoma da criança traduz a grande confusão dos pais quanto às modalidades das funções e dos lugares que ocupam. O manejo da transferência é delicado com essas mães extremamente controladoras, que bombardeiam o analista com mensagens por WhatsApp. É preciso também escutá-las, e incluí-las no processo. Caso contrário, o espaço da análise se transforma em ameaça, já que ela precisará abdicar de sua onipotência, reconhecer seus impossíveis, e tocar na sua ferida narcísica diante do filho desidealizado. Se não incluir a loucura materna na análise da criança, corre-se o risco de a análise ser interrompida, já que muitas vezes o pai não tem voz suficiente.

Qual é a boa distância a manter entre o analista e a mãe? Uma mãe com a boca de crocodilo constantemente aberta, que reclama pela satisfação imediata, sem espaço para que o desejo advenha. Todo tratamento analítico de uma criança não seria para levá-la a deslocar-se desse objeto do fantasma do Outro, e construir sua própria teoria da castração? Para que a criança possa conquistar uma voz própria?

No decorrer desse processo, quando a criança deixa de responder com seu sintoma à fantasia de seus pais, isso dependerá em grande parte de como estes podem se responsabilizar por aquilo que, de sua parte, alimenta e favorece o sintoma do filho. Assim, a análise proporciona essa possibilidade de mudar a cena onde ele está fixado, e passar a desejar, fora do campo materno, operando permutações possíveis nos elementos que compõem suas fantasias incestuosas.

Então, se o espaço da análise pode operar como suplência quando a efetividade da função paterna claudica, o que da especificidade do dispositivo do tratamento pode também contribuir a descolar a criança do campo imaginário?

O brincar

A criança brinca. Brinca com objetos, e é uma narrativa que constrói histórias. O brincar é um discurso dirigido ao analista, e ocupa um lugar de mediação. E quanto mais uma criança está presa nas malhas da alienação, menos elaborada a possibilidade de separação, e menos possível os processos de simbolização do imaginário. Brincar está no lugar da falta; brincar é estar em falta. E enquanto brinca, a criança monta histórias. E assistimos aí sua condição de tomar a palavra, e ter voz própria.

A escrita

Mas também escrever é outro operador simbólico nas análises com crianças. Quando a fala da criança é transcrita, parece que ganha outra dimensão. Concretiza algo de sua subjetividade, e transforma seu imaginário em experiência simbólica. O dito escrito, como um corte que recorta a fala da criança, é um dizer que assume um valor significante.

O analista enuncia, em voz alta, o que anota no caderno da criança. Ela também escreve ou desenha e anota nele. O caderno circula entre os dois, e passa a fazer parte da relação analista-criança como o testemunho das posições da criança diante de seus medos e enigmas durante todo o processo.

São dizeres de crianças, pequenos filósofos, que elaboram suas próprias teorias sobre o mundo dos adultos, e no qual estão enlaçados e tentam se diferenciar:

"Eu me pergunto por que minha vida é diferente da vida da minha mãe", P. 10 anos.

"Quando digo uma besteira, meus pais riem e ficam mais legais. Isso é minha inteligência", A. 8 anos

"Meu pai, eu não o entendo 100%. Nunca sei se ele está rindo da minha cara ou se ele está falando a verdade", V. 10 anos

"Eu queria estar na cabeça da minha mãe para saber o que ela pensa de mim", Z. 10 anos.

"É porque meus pais brigam que eles ficam juntos", M. 10 anos.

"Tenho medo de ficar sozinha de noite no meu quarto. É um escurão com dois olhos olhando e observando", T, 11 anos.

"Meu medo faz fazer coisas muito malucas", A. 9 anos.

"Eu quero parar com isso, mas também não quero parar", R. 10 anos.

"Todos os pais brigam, e todos as crianças têm medo", M. 11 anos.

"Eu não consigo me separar da minha mãe. Parece que quanto mais eu cresço, mais a gente fica ligada", C. 12 anos.

"Quando penso negativo, dá positivo", C. 7 anos.

"Eu queria que a luz acabasse de noite na cidade por uma semana porque só assim para ficar juntinha com minha mãe que sempre trabalha". S. 9 anos.

E, em torno dessas palavras escritas, a cena analítica da criança se costura, descortina-se aos olhos da criança, e segue.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARKANGEL, episódio 2 da 4ª temporada do seriado **Black Mirror**, 2017.

COUTINHO, M-A. **Lacan, o grande Freudiano**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005. p. 55.

LACAN, J. **A relação de objetos. Seminário IV**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

LACAN, J. **Da psicose paranoica e suas relações com a personalidade**. São Paulo: Forense, 2011.

MENDES, M. **Seminário sobre a clínica do psicanalista**, 2010.

MILLER, J-A. Colóquio **A criança entre a mulher e a mãe**. Organizado em Lausanne em junho 1996 pelo Grupo de Estudo de Genebra.